

IDENTIDADES EM CRISE E A DESGLOBALIZAÇÃO CULTURAL

Identities in Crisis and Cultural Deglobalization

Jacques Alkalai Wainberg¹

¹Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Porto Alegre, RS, Brasil. **E-mail:** jacqalwa@pucrs.br **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9274-4717>.

Recebido em: 01 nov. 2021 | Aceito em: 25 mar. 2022.

RESUMO

Este estudo trata do processo de desglobalização cultural. Ele ocorre no mundo em decorrência das manifestações que reivindicam a afirmação das identidades grupais. Tal embate sobre a defesa das singularidades étnicas envolve hoje manifestações diversas, algumas delas através da violência política. O tema é central nas relações internacionais por ser evento frequente em todos os continentes. Ele expressa igualmente os embates internos verificados no Ocidente e no Oriente entre os que saúdam e os que abominam sua tradição original. É feita referência às alianças cruzadas constituídas entre atores críticos da Ásia e do Oriente com os da Europa e da América. Fica claro que são várias as alternativas empregadas pelos atores para resolver o paradoxal desencontro que agora ocorre com a aproximação física e simbólica das pessoas.

Palavras-chave: Identidade; Crise; Desglobalização.

ABSTRACT

This study deals with the process of cultural deglobalization that takes place in the world as a result of the manifestations that claim the affirmation of group identities. Such a clash over the defense of ethnic singularities involves diverse manifestations, some of them through political violence. The theme is central to international relations since it became a frequent event in all continents. It equally expresses the internal clashes verified in the West and in the East between those who hail and those who abhor its tradition. Reference is made to the crossed alliances formed between critical actors from Asia and East with those from Europe and America. It is clear that there are several alternatives employed by the actors to resolve the paradoxical mismatch now occurring with the physical and symbolic approximation of peoples.

Keywords: Identities; Crisis; Deglogablization.

INTRODUÇÃO

Ao contrário do que se esperava nem a queda dos regimes comunistas ocorrida na Europa Oriental a partir de 1989 nem a revolução tecnológica que autorizou o avanço da comunicação internacional a partir principalmente dos anos 90 foram capazes de consolidar uma identidade humana universal. Estes e outros fatores não impediram que as singularidades nacionais, linguísticas, étnicas, raciais e religiosas acabassem politizadas (Said, 2007; Baumann, 2005).

O fracionamento político da antiga Iugoslávia e da URSS e os enfrentamentos entre grupos distintos que assolam a África, o Oriente Médio e a Europa documentam a gravidade deste fenômeno. As disputas que ocorrem em várias partes entre tradicionalistas e liberais e entre maiorias e minorias sugerem a relevância do tema para as relações internacionais. O termo desglobalização cultural utilizada neste texto refere a preferência dos atores pela preservação da

cultura local, por um mundo menos conectado, constituído por estados nações, por soluções locais aos problemas e por maior controle fronteira (Bergijk, 2010; Livesey, 2018).²

Em muitos ambientes é forte a reação contra a influência estrangeira. Em alguns casos ela é definida pelos nativos como imperial e colonial. O tradicionalismo russo, por exemplo, manifesta oposição ao que se costuma chamar de ocidentalização do mundo. Tal queixa é proferida igualmente por grupos militantes no Oriente Médio, entre eles o ISIS, a Al Qaeda e a Irmandade Muçulmana.

Nestes embates aparece também e com frequência o auto-ódio. Este é um sentimento que atinge pessoas que abominam sua herança, a que surge no meio familiar e comunal. O termo refere igualmente o repúdio do cidadão ao seu lugar de nascimento, algo que acontece com frequência e com mais intensidade na adolescência (Nunes, 2018). Outro nome dado a esta emoção é *oikofobia*. O criador deste termo foi Roger Scruton (1944-2020), o pensador inglês que cunhou a expressão no livro *England and the Need for Nations* publicado em 2004. *Oikos* é lar e *phóbos* é medo ou recusa.

Scruton costumava dizer em sua queixa que as qualidades inglesas celebradas nos filmes de guerra e nos livros estavam sendo negadas à população. Esta crítica infecciosa que começara com os intelectuais havia se espalhado como praga nas escolas, nas universidades e noutros locais.³

Orgulho Nacional. Brasil. 2017-2020

	Total Geral	Até 29 anos	30-49	50 ou mais	Brancos	Negros	Pardos	Ed. Básica	Ed. Média	Ed. Superior
Muito baixo	24,3 %	19,0 %	21,0 %	31,9 %	20,6 %	24,5 %	27,8%	32,3 %	19,6	16,4%
Baixo	37,1 %	37,9 %	37,1 %	36,3 %	38,7 %	30,8 %	38,2 %	36,3 %	37,3 %	38,0%
Alto	26,6 %	31,4 %	28,3 %	20,9 %	27,4 %	31,2 %	24,0%	20,0 %	31,0 %	32,7%
Muito alto	9,9 %	9,4 %	10,7 %	9,4 %	10,5 %	12,2 %	8,4%	10,4 %	10,2 %	8,6%

Fonte: World Values Survey

Nelson Rodrigues chamou esta emoção de *complexo de vira-lata*. Ele inventou a expressão em 1958, numa crônica publicada na revista Manchete Esportiva. Disse que “era a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. Esta anomalia acontece quando o indivíduo “cospe na própria imagem”.

A baixa autoestima e o derrotismo frequentam a mentalidade nacional há bastante tempo. Apareceu nas obras de vários autores, entre eles Oliveira Viana, Silvio Romero, Gilberto Freyre,

² <http://deglobalization.blogspot.com/>

³ <http://www.civitas.org.uk/pdf/cs49-8.pdf>

Raimundo Nina Rodrigues, Monteiro Lobato, Roquete-Pinto e Lima Barreto. O julgamento feito por Arthur de Gobineau (1816-1882) em 1869 sobre a miscigenada população do Rio de Janeiro ecoa até hoje entre os que menosprezam aspectos da cultura verde-amarela, entre eles a alegada indolência e a resignação do povo brasileiro.

O sentimento de *favorecimento exogrupal* (Santos, 2019) diz que o que vale mesmo é o que é produzido em lugares como a Alemanha e o Japão. Esta atitude estimula a cópia das modas que chegam do exterior ao país e a emigração. O desgosto de si pode ser consequência da atenção exagerada dos outros sobre seu comportamento e da autocrítica excessiva que se prolonga no tempo. Sustentar uma identidade demanda um *stress* emocional e cognitivo. Muitas vezes a solução é o abandono. Nesse caso, abre-se mão do amor-próprio classificando-o como impróprio. Conclui-se que, dotar de estima, o que a voga intelectual lastima, é tarefa árdua e às vezes impossível.

O sentimento do indivíduo contra a tradição dos seus é capturado também pelo termo *contracultura*. Ele se opõe à *membresia*, o amor ao lar, ao espaço e à vizinhança compartilhada com quem se ama. Esta emoção confortante é sustentada pela educação que valoriza o legado que vem de longe, pelas instituições que animam o imaginário social e pela mídia que ajuda com sua programação a coesão emocional da audiência.

Estados emergentes e os que se livraram do domínio colonial utilizaram os veículos de comunicação com este objetivo psicossocial. Aglutinar a gente tornou-se especialmente relevante a países continentais como os Estados Unidos, o Brasil, a Rússia, a China, o Canadá e a Índia (Singh, 2016). Tornou-se recurso estratégico para os Estados-nação que surgiram em vários continentes após a Segunda Guerra Mundial.

ESTRANHA ALIANÇA

Na atualidade o embate sobre as identidades envolve a controvérsia sobre os fundamentos da civilização ocidental. Círculos críticos desta parte do mundo são os que mais abominam este termo e o que ele refere. Essas pessoas observam com algum grau de simpatia o abalo militar que a guerra assimétrica produz nas forças militares dos Estados Unidos e de seus aliados. Foi o que se ouviu no grito 'ELES MERECEM' dito em alto e bom som em apoio ao ataque salafista às torres gêmeas de Nova York em 2001.

Cabe assinalar a propósito que as simpatias são cultivadas e as alianças são formadas de forma triangular. O inimigo do meu inimigo é meu amigo. Scruton acabou por isso premiado na República Tcheca por seu apoio aos *refuseniks* no período da guerra fria. Noam Chomsky é celebrado em muitos ambientes nacionalistas do Oriente Médio por sua oposição à ação política americana. Roger Garaudy encantou os iranianos não só por sua conversão ao islamismo em 1982, mas por sua prédica negacionista do genocídio cometido pelos alemães contra os judeus. Apesar do desconforto soviético, e também por isso, Alexander Soljenítsin recebeu o prêmio Nobel de

Literatura de 1970 por sua obra *Arquipélago Gulag*. Ayaan Hirsi Ali foi acolhida pelo *think thank* conservador *American Enterprise Institute*.

No Ocidente o discurso *oikofóbico* prefere recordar em sua argumentação as investidas dos exércitos cruzados, o racismo contra os negros e o colonialismo praticado por ingleses, belgas, franceses e alemães, entre outros. Os *oiks* oferecem este álibi aos terroristas e se pronunciam pouco sobre as maldades praticadas por grupos como Al Qaeda e ISIS.

Decorre que os militantes da esquerda ocidental e os mais conservadores do Oriente Próximo e distante fazem estranha aliança neste embate. O mesmo acontece às avessas com os conservadores do Ocidente que acolhem e se unem aos liberais do Oriente em sua luta pelos direitos humanos. É assim, neste tipo de cruzamento que transcorre o choque de civilizações nos dias de hoje. Foi o que aconteceu no período da guerra-fria. Os críticos ocidentais do Ocidente evitaram denunciar o stalinismo. Negaram-se apoiar dissidentes soviéticos como Andrei Amalrik, Vladimir Bukovsky, Vyacheslav Chornovil, Zviad Gamsakhurdia e Andrei Sakharov.

Há que se salientar o fato por vezes minimizado de que há na mídia do Oriente Médio um debate frequente e intenso sobre os usos e costumes da cultura local.⁴ Os conservadores daquela região se esforçam para animar o ódio aos bodes-expiatórios usuais da prédica antiocidental - os Estados Unidos, os judeus, o feminismo⁵, o secularismo e o liberalismo, entre outros opositores (reais ou imaginados). Os interlocutores críticos do lugar são julgados pelos guardiões da tradição como apóstatas, uma acusação similar à *traição* feita por grupos da extrema-direita para classificar os conversos ocidentais do Islã.

Esse debate atualizou a antiga discussão sobre a identidade dos grupos humanos. Os *progressistas* dizem que a descrição feita do Ocidente por *oikofílicos* é uma formulação racial e religiosa, cristã e branca. Argumentam que os ocidentais deixaram de considerar com seu ranço de superioridade a contribuição de outras culturas, entre elas a hindu e a chinesa (Norden, 2017). Esta é também a posição dos que se identificam com a nova ideologia do *wokeness*. Ela afirma que existe nos Estados Unidos e noutros lugares um racismo estrutural contra os negros. Tal ideia se difundiu a partir de 2014 com a popularidade adquirida com o movimento *Black Lives Matter*. O termo deriva da expressão inglesa *stay woke*, ou seja, *esteja desperto e atento* à discriminação.

Resulta que a crise das identidades dos grupos humanos é um dos principais dilemas da atualidade. Ela existe no Islã desde o século XIX e se aprofundou à medida que seus contatos com o mundo exterior aumentaram. Tal intercâmbio permanece forte a despeito da acusação wahabita de ser a Europa e os Estados Unidos os principais redutos da heresia.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=bVYbWRRrWUM>

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=laU7LV1OM-I>

ÓDIO

É frequente a pergunta por que o ocidente se odeia? O colunista (conservador) Jonah Goldberg chama este mal de “civilizational auto-immune disorder” (desordem civilizacional autoimune). Exemplo desta atitude é a perseguição que se faz em vários países às estátuas de Cristóvão Colombo e de outras personalidades consideradas símbolos e tratadas como heróis locais.⁶ Outra vítima é a estátua de Thomas Jefferson que perdeu prestígio entre os negros, os latinos e os asiáticos. Eles exigiam em 2021 sua remoção do prédio da prefeitura de Nova York. Acusavam-lhe de ser escravagista.

O fato é que são várias as ocorrências que mostram esta tensão, a existente entre o Ocidente e o Oriente.⁷ Exemplo é o manifesto de 1518 páginas intitulado *2083: Uma Declaração Europeia de Independência* escrito por Anders Breivik, o responsável pelo assassinato de 76 pessoas em Oslo em dois ataques realizados em 21 de julho de 2011. Ele justifica seu crime alegando que o ato foi necessário para salvar a Europa do marxismo e para livrar o continente da colonização islâmica.⁸ Afirma que há uma guerra em andamento contra a civilização ocidental e cristã. Este argumento faz parte da retórica de vários grupos xenófobos e foi repetido em 2019 pelo secretário geral do Vox, o partido de extrema-direita da Espanha.⁹

A despeito do fato de ser acusado de islamóforo, Scruton referenciava a contribuição islâmica para a ciência, para a filosofia e para a literatura. Estudou árabe para ler o Alcorão no original. Apreciava Avicena, Ghazali e Averroes (Ibn Rushd). Além do mais, o que o intrigava no radicalismo interessou muitos pensadores, muçulmanos inclusive. O que aconteceu com esta civilização ao longo da história é um dos temas que motiva a crítica social feita por segmentos liberais do Oriente e por pensadores daquela parte do mundo que acabaram emigrando ao Ocidente.

Um deles é Hamza Yussuf, um americano que se chamava Mark Hanzon até se converter ao Islamismo. Tornou-se uma autoridade internacional no tema depois de estudar o sufismo e de ser influenciado pelos ensinamentos de *scholars* da Mauritânia. Viveu nos Emirados Árabes, na Argélia, no Marrocos e na Espanha. Hoje atua no Zaytuna Institute em Berkeley, Califórnia.¹⁰ É um intelectual público, favorável ao diálogo inter-religioso, avesso e crítico do fundamentalismo islâmico.¹¹

As posições de Hamza Yussuf e de seu ativismo não caem ao gosto de muitos tradicionalistas que abominam o sincretismo, algo que ocorre mais facilmente com pessoas que

⁶ <https://www.aei.org/articles/why-does-western-civilization-hate-itself/>

⁷ <https://news.gallup.com/poll/157082/islamophobia-understanding-anti-muslim-sentiment-west.aspx>

⁸ Segundo a projeção para 2050 do Pew Research este segmento constituirá 10% da população europeia e 29.7% da população mundial. <https://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>

⁹ <https://www.elmundo.es/espana/2019/07/03/5d1c7f80fdddffec758b45e7.html>

¹⁰ <https://zaytuna.edu/>

¹¹ <https://www.firstthings.com/web-exclusives/2020/01/sir-roger-the-gadfly>

vivem em ambientes multiculturais como os existentes no Canadá, na Austrália e nos Estados Unidos. Deriva dessa circunstância o surgimento de muitas combinações que originam identidades híbridas.

As múltiplas cidadanias é atitude que reconhece este fato da modernidade – o da intensa mobilidade das pessoas, o da geolocalização do sujeito e o das configurações familiares mistas. Cada uma das partes do self desse sujeito composto é acionada dependendo da circunstância e das necessidades. Desta forma ele tenta encontrar um elo mesmo que frágil com seus diversos interlocutores.

A pessoa deslocada fica suspensa no ar sem encontrar referências no novo cenário. Uma parcela não aguenta o choque cultural e retorna ao ponto de origem. Isso aconteceu no caso da imigração japonesa ao Brasil nos anos 30. Voltou a ocorrer com certo número de sírios que decidiram abandonar a Alemanha e retornar à Damasco apesar da guerra civil. O refluxo sempre acontece e é esperado como consequência do desajuste do recém-chegado ao novo mundo.

NAÇÃO

O ISIS responde à pergunta sobre a razão do ódio ao ocidente à sua maneira. Em sua última edição de 31 de julho de 2016, publicada com o título *Break the Cross*, a revista *Dabiq* utilizada pela organização para fazer propaganda diz que o Ocidente é odiado porque não crê na mensagem do Profeta.¹² Acrescenta que a animosidade da organização se manterá viva mesmo com a modificação e a moderação das posições políticas da Europa e dos Estados Unidos. Sua luta é teológica e ideológica e seu alvo principal é a cristandade.¹³ Esta posição ecoa a da Al Qaeda sobre a Guerra Santa. A formulação salafista é civilizacional. A luta dos *mujahadin* é em defesa da identidade da *umma*. Nesta visão, as fronteiras dos estados árabes são irrelevantes por serem artificiais. Elas surgiram como consequência das disputas imperiais. São traços na areia que desaparecem com o soprar do vento. O decisivo no caso é o amálgama espiritual dos crentes.

O embate sobre as identidades gerou no Ocidente a versão espelhada desta militância islâmica tradicionalista. Os *proud boys*, uma fraternidade americana que afirma seu slogan *West is the Best (Ocidente é o Melhor)*, costumam desafiar os relutantes com seu patriotismo, chauvinismo e com a violência empregada contra opositores¹⁴. O fato indiscutível é que o número de militantes da extrema-direita cresceu em vários países, fenômeno que acontece no Brasil com a proliferação de 530 células de neonazistas.¹⁵ O número de seus membros está estimado em sete mil militantes.¹⁶

¹² Nesta data a publicação assumiu o nome de *Rumiyah* (Roma). Este título é uma referência a um hadith (atos e pronunciamentos de Maomé) no qual o profeta diz aos seus seguidores que eles deveriam conquistar Constantinopla e Roma, nesta ordem.

¹³ <https://archive.org/search.php?query=rumiyah>

¹⁴ https://www.youtube.com/watch?v=TBOo_2cZ4Lo

¹⁵ <https://br.noticias.yahoo.com/pesquisadora-identifica-530-celulas-neonazistas-no-brasil-143054834.html>

¹⁶ <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/cresce-o-numero-de-grupos-neonazistas-no-brasil/>

Em resposta ao ambiente polarizado existente nos Estados Unidos no período da administração de Donald Trump surgiu em 2017 a milícia armada dos negros americanos conhecida pela sigla NFAC (“Not F---ing Around Coalition”).¹⁷ Seu objetivo é treinar membros desta comunidade a manejar armas e a se defender dos ataques dos supremacistas brancos. O grupo advoga a causa do separatismo. Ecoa desta forma o pensamento que existia no movimento Panteras Negras que militou entre 1966 e 1982 (Anderson, 2016). O NFAC colabora com agremiações formadas por militantes muçulmanos negros dos Estados Unidos e com o Antifa, o grupo anarquista que surgiu em 2017 para enfrentar os apoiadores do presidente republicano.

Aparece nestes embates a pergunta que muitos se fazem sobre o que significa pertencer à nação e compartilhar uma identidade. O tema não é novo e frequenta os debates políticos desde o século XIX. Surgiram então os estados modernos, um processo que avançou por todo o século XX e que incluiu em alguns casos mais de uma nação em seu interior. O assunto foi motivo de embates e de discussão no período da Revolução Russa. Os bolcheviques tiveram que dar uma resposta aos anseios das diversas minorias que viviam em seu território.

Tal controvérsia foi especialmente dramática na Europa ocidental dividida por nacionalidades na fase que antecedeu a primeira guerra iniciada em 1919. Desde então o nacionalismo é malvisto por ser considerado culpado na estimulação à mortandade dos dois conflitos mundiais. Esse fato explica o porquê surgiu em 1948 uma organização internacional denominada apropriadamente de Nações Unidas.

A despeito das profecias que apontavam um futuro no qual o cosmopolitismo prevaleceria sobre o particularismo o que se observa no século XXI é um processo de desglobalização política. A retribalização vigente é paradoxal considerando as facilidades de comunicação e de transporte existentes na atualidade (Maffesoli, 2006).

Essa tendência foi antecipada por Marshall McLuhan que surpreendeu seus contemporâneos ao contrariar o senso comum de seu tempo e seu próprio prognóstico sobre o surgimento de uma aldeia global. Ele desenvolveu esta ideia em seu livro *A Galáxia de Gutenberg* publicado em 1962. Disse em 1977 numa entrevista que não havia evidência de que ela estava se tornando realidade.¹⁸ Ao contrário, o que estava ocorrendo era um retrocesso. Disse que os sujeitos querem evitar os encontros abrasivos que a proximidade física geralmente produz.

McLuhan não conheceu o Instagram, mas profetizou seu surgimento ao considerar a necessidade humana de interpretar constantemente papéis para assim afirmar uma imagem no grupo. Esse tipo de diagnóstico é frequente na literatura (Castells, 2018; Baumann, 2005; Fukuyama, 2019; Aydin, 2007), um tema que emergiu com vigor a partir de 1960, principalmente.

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=4PbyRe4e7uY>

¹⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=ULI3x8Wlxus>

Os países multinacionais e multiculturais estão sendo desafiados a construir modos de convivência nos quais a expressão das identidades é ao mesmo tempo facilitada e controlada. A homogeneidade étnica da população é a opção preferida por alguns estados que evitam ou moderam dessa forma as tensões culturais. Cabe lembrar a propósito os conflitos que existem na Criméia, na Ucrânia e na Chechênia; com os escoceses e os irlandeses do norte que desejam se libertar da Grã-Bretanha; entre hindus e muçulmanos que se chocam na Índia; com os quebeçois que quase quebraram o Canadá ao meio; com a minoria muçulmana vigiada de perto pelas autoridades chinesas; com a Bélgica dividida entre duas comunidades linguísticas; com a Espanha que enfrenta há anos o dilema de manter unido o país a despeito de suas comunidades autônomas, e com as etnias que lutam entre si em vários países africanos.

Nem sempre uma bandeira e um hino bastam para resolver os conflitos étnicos. O caso suíço é desse tipo, pois é formado por cantões linguísticos e culturais autônomos. Com frequência acontece também a limpeza étnica.

Estas rotas, as do estado-nação, a do multiculturalismo, a da comunidade autônoma, a do estado cívico e secular e o da teocracia fundamentalista são tratamentos alternativos aplicados à identidade humana em diferentes partes do mundo. Na Alemanha, por exemplo, é nítido o cansaço da nova geração que se vê forçada a enfrentar as sombras do passado a cada passo que dá em direção ao futuro. Surgiu em decorrência a nostalgia de um tipo de cidadão orgulhoso de si. Essa mensagem que evoca a autoestima perdida por causa do nazismo é central na ideologia do *Alternative für Deutschland (AfD)* (*Alternativa para a Alemanha*) estabelecido como partido político em 2013.

Aparentemente, há um limite acima do qual o estrangeiro torna-se visível aos nativos provocando em certos casos uma reação fóbica de parcela da população local. Esse é um ponto de inflexão delicado que pode afetar o humor coletivo. Os países continentais abrandam esta ameaça dispersando os recém-chegados em seu vasto território. O objetivo é evitar a formação de enclaves que acabam isolando o recém-chegado da nova sociedade. Esse tipo de política foi aplicado na Irlanda, na Holanda, na Noruega, na Grã-Bretanha e na Suécia. A medida está sendo utilizada igualmente no Brasil com refugiados de vários países, entre eles haitianos, sírios e afegãos.

Depois de receber em 2016 mais de um milhão de imigrantes num único ano o clamor dos alemães em favor de um limite à chegada de refugiados foi evocado por 60% da população do país.¹⁹ Reação similar era visível na Itália. Esse sentimento é forte na Áustria onde atua o *Partido da Liberdade (FPÖ)*. Ele se tornou anti-islâmico em 2005. Começou então a defender a identidade do ocidente cristão (*Abendland*), algo que aconteceu igualmente com a *Frente Nacional* da França e com o *Vlaams Blok* da Suíça. Nesse país o *Partido para a Liberdade* classificou a islamização como ameaça existencial à identidade da nação. Reações similares de hostilidade aos recém-chegados

¹⁹<https://www.dw.com/en/opinion-poll-shows-60-percent-of-germans-want-a-cap-on-refugees/a-19557256>

aconteceram em 2021 na Hungria, na Dinamarca, na Suécia e na Noruega, entre outros países.²⁰ Em 2017, o número de deslocados pela violência e por conflitos em todo o mundo alcançou o total de 68.9 milhões de pessoas.²¹ Esse fato tornou a aclimação dessa gente um tema de segurança nacional para muitos países do mundo.

NATIVISMO

Uma das razões que explica por qual motivo certos grupos recusam a globalização é a interpretação que eles dão ao alegado propósito de seus promotores de ocidentalizarem o mundo. Os encontros entre os povos através do comércio e da mobilidade das massas facilitada pela revolução nos transportes gerou um desencontro crescente entre as pessoas, ao contrário do que se esperava. Elas se sentiam desde o século XIX atraídas pelo estrangeiro, embora temessem a influência dos visitantes e dos imigrados. Mercadores portugueses, espanhóis e americanos frequentavam o extremo-oriental, às vezes em paz e às vezes acompanhados de militares. Este intercâmbio se acelerou com a construção na Califórnia de um porto após o domínio desta região mexicana pelos americanos em 1848.

A reação nativista tornou-se intensa outra vez nos anos 70 quando a UNESCO debateu a Nova Ordem Internacional da Informação e da Comunicação (NOMIC). Agora o sentimento antiocidental é frequente no discurso dos nacionalistas russos. Algo similar acontece no universo muçulmano e em vários círculos culturais e políticos latino-americanos.

Tal reação persiste a despeito do fim do colonialismo europeu e americano. Esse fato autoriza a suspeita de que o embate não é somente político. Fica claro que as imagens são espelhadas entre os que competem por influência e pelo mercado. Por decorrência, há muito que se fala dos valores asiáticos, um tema que emerge quando se faz referência ao milagre econômico japonês da atualidade. Alega-se que o apreço pela harmonia social, pelo trabalho, pela família, pela tradição e pela nação contrasta com a preferência ocidental pelos direitos individuais da pessoa.

Ocorre com o termo *Ásia* o que acontece com o verbete *Ocidente*. *Oriente* é outro vocábulo vago. Nem *Ásia* nem *Oriente* são regiões uniformes. Elas possuem vários legados em seu meio, entre eles os oferecidos pelo confucionismo, pelo budismo, pela ortodoxia russa, pelo xintoísmo, pelo hinduísmo, pelo maoísmo, pelo eslavismo e pelo islamismo. Valores ocidentais também foram acolhidos na região. É o que se vê claramente em Hong Kong, por exemplo. Às vezes um grupo busca afinidades transnacionais com parceiros, algo que deu origem no Velho Mundo à União Europeia.

²⁰<https://www.brookings.edu/research/the-biggest-problem-in-the-netherlands-understanding-the-party-for-freedoms-politicization-of-islam/>

²¹<https://theconversation.com/dispersing-refugees-around-a-country-puts-them-at-an-immediate-disadvantage-why-this-matters-for-integration-94791>

A pacificação internacional implica, portanto na despolitização das identidades e na moderação (1) dos discursos de ódio contra o *outro* e (2) da exaltação impertinente de si próprio. Neste esforço (3) os estereótipos recíprocos precisam ser quebrados com contraexemplos que abrandam e abalam a pretensa solidez etnocêntrica. Esse é um dos recursos utilizados na prática da resolução dos conflitos, a que busca ressaltar as convergências entre os grupos humanos. (4) Mudar o tom das narrativas e o da ruminação coletiva demanda tempo e disposição política. Casos exemplares disso são os da reconstrução da imagem internacional da Alemanha e do Japão no pós-guerra.

Política de identidade é termo que circula desde 1960 e refere na atualidade o tratamento dado por diferentes sociedades à afirmação das identidades dos grupos humanos e suas reivindicações sociais e políticas derivadas. Envolve aspectos variados – étnicos, sexuais, nacionais, tribais, indígenas, religiosos, linguísticos, culturais, sociais e raciais, entre outros. A causa identitária caiu ao gosto de vários movimentos sociais. Isso ocorre com mais frequência nos locais onde existe um ou mais de um movimento saliente que não se acomoda e não aceita em silêncio a posição de sua gente e de sua causa julgada pelos demais como menor.

Outra posição, essa mais extrema, embora frequente, é a que defende algum tipo de separatismo político. Uma terceira atitude ainda é a que apoia a ação afirmativa em favor dos grupos que a sociedade julga ter direito a algum tipo de reparação. É o caso das cotas raciais e sociais.

Muitos intelectuais estiveram à frente destas reivindicações. Exemplos marcantes à esquerda são Franz Fanon, Judith Butler e Stuart Hall. À direita pensadores que se articulam em torno do nacionalismo e dos movimentos raciais brancos atuam desde os anos 60. É o caso dos *Identitários* na França.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora *desglobalização* seja termo utilizado no campo econômico para referir o ressurgimento das guerras comerciais e o protecionismo, o fato é que esta ocorrência é saliente também na área cultural. O objetivo estabelecido pela internacional liberal de amenizar as diferenças étnicas enfrenta hoje dificuldades. É um fato incontestável que influências mútuas acontecem através dos meios de comunicação, da indústria cultural, da educação escolar e da intensa mobilidade das populações. Outro dado de realidade é que, apesar deste entrelaçamento massivo, persiste a necessidade dos sujeitos de ver sua identidade pessoal e grupal dignificada por todos, o que nem sempre ocorre. Surge neste caso a militância em seu favor o que torna veemente o clamor e a reivindicação política dos indivíduos e das comunidades.

Na década de 1980 e 90, termos como *no sense of place* (Meyrowitz, 1985) e *não-lugar* (Augé, 1994) tentavam capturar o que ocorria com a emergência da nova era da eletricidade. Eles foram substituídos no século XXI pelo velho refrão *no place like home* (*nada se compara ao lar*) cantado em 1956 por Elvis Presley. Aparentemente vários fatores contribuíram para este refluxo.

O terrorismo e o coronavírus exigiram a imposição de controles fronteiriços mais rígidos. A China compete fortemente com os Estados Unidos. Fala-se por isso já há algum tempo em ocaso americano. E a afinidade das pessoas aglomeradas nas redes sociais evidenciou o que se via há bastante tempo nas lutas tribais. As comunidades imaginadas continuam sendo desejadas pelas pessoas.

Decorre que novos conceitos se tornaram populares, entre eles desocidentalização e desglobalização do mundo. Além disso, as minorias que antes calavam agora podem gritar no Facebook e no Twitter tornando a sociedade democrática mais ruidosa. Os grupos exigem mais facilmente tratamento justo. Para tanto se unem virtualmente em torno das mesmas causas tornando a web um espaço tenso. O que ali ocorre é a imagem fraturada do mundo de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anderson, J. (2016). *A Tension in the Political Thought of Huey P. Newton*. *Journal of American Studies*. Pp. 246-249.

Augé, M. (1994). *Não-Lugares*. Ed. Papirus.

Aydin, C. (2007). *The politics of anti-westernism in Asia*. Columbia University Press.

Baumann, Z. (2005). *Identidade*. Zahar.

Berjeijk, P. A. G. V. (2010). *On the brink of deglobalization*. Edward Elgar.

Castells, M. (2018). *O poder da Identidade*. Paz e Terra.

Ellul, J. (1985). "Preface". In B. Ye'or. *The Dhimmi: Jews and Christians under Islam*, Canbury, NJ: Associated University Presses.

Fukuyama, F. (2019). *Identity*. Picador USA.

Livesey, F. (2018). "Unpacking the possibilities of deglobalization". *Cambridge Journal of Regions, Economy and Society*, 11 (1), 177-187.

Mcluhan, M. (1962). *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man*. Toronto. University of Toronto Press.

Maffesoli, M. (2006). *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

Meyrowitz, Y. (1986). *No Sense of Place*. Oxford University Press.

Norden, B. W. V. (2017). *Taking Back Philosophy: a Multicultural Manifesto*. Columbia University Press. Nunes, F. (2018). *A cultura do repúdio. Roger Scruton e a Ameaça do Islamismo Radical*. Dissertação. Universidade Católica Portuguesa.

Said, E. (2007). *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Cia das Letras.

Santos, M. F. dos. (2019). *A psicologia social do complexo de vira-latas: conciliando distintividade positiva e justificação do sistema*. Universidade Federal da Paraíba. Dissertação de mestrado. Março.

Singh, A. S. (Ed.). (2016). *Role of Media in Nation Building*. Cambridge Scholars Publishing.

Walzer, M. (2015). "Islamism and the Left." *Dissent*. Winter.